

# FANTOCHES

BASTIDORES DA POLITICA E DOS NEGOCIOS

DIRECTOR E EDITOR

**ROCHA MARTINS**

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO, Rua do Alecrim, 65 — LISBOA — Telefone 2440 - C.

## Ideias da União Lusitana

Mais um organismo revolucionario — Suas  
Ideias e ambições — Como se deve corrigir  
este programa — O renovamento social — O  
que esqueceu . . . foi tudo.

Existe em Lisboa e no resto do país — ao que dizem — uma agremiação republicana cujos fins são: «dentro do regimen, auxiliar e impôr uma dictadura militar». Chama-se a este paradoxo *União Lusitana*.

Não é que as dictaduras fiquem mal ás republicas, mas é que jamais, por esse processo, se farão uniões de lusitanos, a não ser que os republicanos passem a chamar-se assim. E eles ficariam sendo os lusos e o resto dos cidadãos, os portugueses. Em todo o caso a dictadura preconizada pelos da *União* teria «character provisorio e sem facção partidaria». E' o que se chama dictadura nacional; mas como esta designação implicaria a participação de gente de todos os crédos no poder arranjaram, os da *União Lusitana*, um doce deslissamento.

Suponhamos, porém, que se alcandoravam ao poder, o que é facil com alguns tiros mesmo de salva, e analisemos o seu programa que consiste na *Ordem, Economia, Finanças*.

Emquanto á primeira, poriam, desde logo, em pratica os seguintes principios:

Julgamento immediato dos fabricantes de bombas e seus cumplices; *suspensão do valor intrinseco do diploma de defensores da República; reconhecimento legal das organizações sindicadas e federadas, mas com fiscalisação policial e responsabilidade criminal; suspensão do diploma de direito à greve.*

Esta ordem assim proclamada geraria uma immediata desordem. Para o julgamento dos fabricantes de bombas carecia-se de os encontrar, pois

eles não são as duzias de proletarios encafuados em S. Julião, sem julgamento, à ordem dum antigo mandante de fabrico e manipulações de explosivos.

A suspensão do diploma de defensores da república lançaria sobre os dictadores a suspeição de monarquismo.

O reconhecimento legal dos sindicatos, com vigilancia e fiscalisação, é um acirramento a quem, mesmo ilegalmente, faz a sua propaganda sem as peias policiaes permanentes.

A suspensão do direito à greve aboliria as boas vontades que o proletariado pudesse ter diante da nova ordem de cousas. De resto pode não se tolerar a greve, gritar-se contra ela, deixá-la fóra da lei mas ninguem a poderá impedir. Nasce com a vontade humana; se eu não quizer escrever, importa-me bem que os codigos me obriguem a agarrar na pena!

Sob o ponto de vista da *Economia* far-se-ia a redução dos ministerios do Trabalho, Agricultura, Instrução, Guerra e Marinha, criando-se com a fusão dos dois primeiros, mais umas repartições do Comercio, segundo, com a secção de seguros sociais e sanitarios, encorporar-se-ia no do Interior, os ultimos unir-se-iam sob o titulo de Defesa da Patria.

Isto é a complicação. Num tempo em que se precisam aproveitar aptidões, conglobar serviços diferentes na mão dum só ministro, sem maleabilidade, geralmente falha em todos os politicos portugueses, é gerar a confusão.

Propôr-se-ia tambem a *União Lusitana* a fazer o seguinte:

«*Organisação de novos quadros de funcionalismo, em conformidade com as exigencias do serviço, liberto de antigas formas burocraticas e simplificado.*

«*Organisação do quadro de adidos dos empregados publicos, presidindo á sua confecção o principio de antiguidade de nomeação e habilitações literarias.*

«*Redução dos efectivos militares. Os officiais a mais, nos quartéis, nos regimentos reduzidos, quer em unidades, quer em efectivos, serão conduzidos a funções civis, como compensação.*

Para a questão do funcionalismo, noutro logar damos o remedio; em relação à redução dos efectivos achamos, pura e simplesmente, um mau processo o usado para os iliminar.

Um país como Portugal não pode prescindir da força armada, o que deve é discipliná-la, applicá-la no país á utilidade—concerto de estradas, construção de edificios, exploração de terrenos agricolas, em vez de os deixar inactivos nos quartéis, dar aos officiais umas secas para os filhos, nas pessoas dos impedidos, e alimentá-los mal. Com o producto daqueles trabalhos pagar-se-ia melhor ao exercito que, do mesmo modo, teria a sua instrução.

Em vez duma escola de preguiça, formar-se-ia um renovamento de energias. Acrescenta, ainda o programa:

Encerramento, em limitado tempo, da Escola de Guerra e collegios militares.

«*Organisação da força de Segurança publica e ordem, com a G. N. R. e Policia Civica, reduzida apenas ao fim que visa.*

Em vez do encerramento impõe-se a mudança das bases do ensino. Esta é que é a formula, para evitar a tomada dos quadros do exercito pelos officiaes praticos, que são utilissimos, mas não podem exercer certas funções para as quais não receberam instrução.

E' limitada á aspiração relativa á segurança publica. Devia-se determinar a dissolução da policia; pôr fóra os guardas, cabos, chefes, agentes, os bufos da segurança e vitalisar este organismo, indispensavel á ordem do país, com soldados bem comportados, antigos policiaes que dessem garantias de seriedade, criar com a guarda, os agentes a cavallo e espalhar o resto, a infantaria, por diversas localidades, onde não há autoridade, passar á guarda fiscal os que ficassem, para se vigiar as fronteiras, evitando o contrabando que nos arruina. Condição essencial: pagar dignamente á policia; dar-lhe força e pedir-lhe contas rigorosas de suas atitudes.

Querem tambem os fundadores do novo agrupamento amigo da dictadura:

*«Remodelação completa dos contratos com as Companhias que usufruem concessões do estado e dos municipios».*

Deve-se exigir mais: inquerito ao lucros e à acção desses organismos, Tabacos, Fosforos, Gaz, analise cabal de seus processos extensiva a todas as outras sociedades sobre as quais recaíam — como sobre a Moagem — as suspeitas de exploração e do dolo. Punição imediata, por uma lei especial, dos seus directores e cúmplices desde que se apure a sua convivencia em delictos considerados de Lesa-Patria como sejam os da exploração, usura, ganancia.

— Exigem tambem os da *União*:

*«Obras do estado, por empreitada».* De acordo, mas seria melhor distribuir aos municipios semi-autonomos e, com novas regalias, o trabalho que eles melhor do que o poder central podem ordenar.

*Exploração do Porto de Lisboa entregue a tecnicos e sem autonomia.»* Emquanto à primeira parte é esse o criterio que se deve usar em todas as cousas do estado e particulares. A segunda tem como base o concurso, a quem mais der, para o gerir e explorar bem como aos arsenais, e fabricas do estado, sob fiscalisação e com determinadas garantias. O mesmo criterio se deve usar para com as linhas ferreas, sendo imprescindivel verificar o que tem sido a vida da antiga Companhia Real onde os delegados do governo — à excepção um só — são duma incompetencia crassa. A Caixa Geral dos Depositos passaria a ser administrada por competencias sendo sindicadas as gerencias anteriores e obrigados os dirigentes a repôr os lucros recebidos até hoje desde que se reconheça os frutos da sua incapacidade. Junto deste estabelecimento funcionaria a *Caixa de Pensões e Reformas aos Trabalhadores Intelectuais e Manuais*, a qual se constituiria do seguinte modo:

Sobre as decimas applicadas ás varias produções, comercios e transações uma terça parte entraria para esse cofre no qual todos os que são assalariados, desde o guarda livros ao limpa calhas, pagariam, em conformidade com os seus honorarios, uma quota que lhes garantiria, ao cabo de trinta anos, o seu relativo bem estar. Esta repartição seria dirigida por trabalhadores e patrões, pois estes pagariam tambem quota dupla para os seus colaboradores não acabarem na miseria depois de os terem servido.

A lei de obrigação de frequência ás escolas nocturnas de todos os rapazes empregados, operarios, cultivadores, etc. desde os 12 aos 18 anos, seria logo promulgada para o desenvolvimento da instrução, durante duas ou três horas por noite, daqueles que trabalham apenas oito por dia.

Isto, que é base dum renovamento, duma aspiração e dum premio, escapou, até agora, aos reformadores republicanos e apenas João Franco quiz tentar a primeira parte deste programa.

O final do estatuto dos revolucionarios diz assim:

«Intensificação da cultura obrigatoria com taxa de lucros na produção e obrigação de venda.

Considerar crime de lesa-Patria:—a armazenagem de generos de 1.<sup>a</sup> necessidade à vida, com o malevolo intuito ganancioso, por mais de 15 dias, ou não os levantar na Alfandega.

O bom senso ordena antes o seguinte:

—Tomadia de terreno por cultivar e sua entrega ás populações por intermedio do municipio, cuja contextura será deste modo: proprietarios, profissões liberais e manuais, com autonomia relativa.

—Degredo e sequestro de bens para todos os que geraram ou venham a gerar a carestia da vida, quer o tenham feito como membros do governo, quer como banqueiros, industriais, comerciantes porque estes não podem actuar sem a cumplicidade daqueles.

—Defesa, por todos os meios—cooperativas, caixas de socorros, sindicatos agricolas—da classe media que agonisa porque não se impõe como os proletarios teem feito.

—Inquerito immediato ás fortunas acumuladas desde 1914 e sobretudo às realisadas durante a guerra. Pagamento de taxas elevadissimas para a reconstituição do exercito e marinha.

Esqueceram muitas cousas os fundadores da *União Lusitana* e do que expuzeram quasi tudo se devia modificar. Desta união, como se comprova, ha já alguma causa desunida logo de inicio: os artigos, as intenções, os meios de agir que brigam quasi todos como galos num perpetuo degladio.

# Receita para a abundancia de funcionarios

Os brados dos contribuintes — A tenia funcio-  
naria — O decreto de Primo de Rivera — Os dois  
mandamentos do bom funcionalismo — O curso  
de revolucionario civil

Queixam-se os contribuintes, sobrecarregados, que não pagam de boa vontade as suas decimas, embora o mandem fazer com medo dos beleguins. A razão maior desse lamento é que enquanto o contribuinte trabalha ou faz trabalhar, o estado, seu amo, sustenta uns milhares de inuteis: os funcionarios publicos. Como se sabe, de há um tempo a esta parte, o portuguez é partidario da supressão.

Para que serve o exercito? Suprima-se. Para que serve a marinha? Suprima-se. Para que serve o parlamento? Suprima-se. Para que serve o funcionalismo? Suprima-se. Para que servem as contribuições? Suprimam-se.

É justo dizer que estes organismos teem culpa de se lhes votar a finalidade. A excepção do contribuinte, todos demonstraram ou sua inutilidade ou seu desvirtuamento. No exercito não se impõem os melhores officiais; lavra a indisciplina, porque se assim não fosse, ai dos politicos! Na marinha escalracha a incompetencia e a desordem, a incompetencia que meteu no fundo o *S. Rafael*, o *Republica* e o resto dos barcos, a desordem que arranca as camisolas de alcache para os disturbios e as faz navegar nos mares turvos. Se estivesse em seu logar, a armada, que sorte esperaria os politicos, os exploradores, os plutocratas! O parlamento tem o aspecto de uma arena onde se correm novilhos. Se fosse uma autentica assembléa nacional, para onde já teria ido a mediocracia que finge de bois bravos e se dá ares de agradar no redondel. Os empregados publicos se estivessem em seus sitios iam à repartição e desde que assim succedesse constatar-se-ia, quotidianamente, uma bicha nas escadarias dos ministerios. A tenia amanuensial estender-se-ia até à rua, constatar-se-ia o seu comprimento e a inutilidade da parte que vai do meio do corpo ao rabo. Dar-se-ia um golpe nesse pedaço que rabiaria um tempo no Terreiro do Paço e verificar-se-ia que o resto se acomodava, cabia, não era de mais.

E, então, com tudo isto assim modificado, o exercito que devia, na paz, instruir-se e tratar das estradas, à romana; a marinha que guardaria as costas do país e as colonias; criado o parlamento de que se pre-

cisa — o da opinião verdadeira das classes e dos municipios — não seria necessario suprimir as contribuições.

Essa abundancia de funcionarios que não produzem é o que irrita quem vai com sua decima ás repartições de finanças e começa logo por topar com as carteiras vasias, por deparar com os modos importantes dos continuos que se julgam os donos do publico e sente que, lá longe, ha um ente misterioso, o chefe daqueles senhores tão importantes que mesmo sem estarem presentes recolhem os dinheiros publicos. Esse supõe-se num tabernaculo, que geralmente está tambem vasio. É a divindade do imposto e da impostura.

Ora para que o país passe em revista aqueles a quem paga, é preciso aplicar-lhes um remedio que já aqui receitei, mas que Primo de Rivêra tambem encontrou e mandou usar. Nesse encontro de receiptuario só havia o achado da simplicidade. Não é de talento que se carece mas de bom senso. Mais uma vez o provamos ambos; eu com esta humildade, num quarto modesto, fazendo panfletos, o dictador, com sua espada, no alto do poder fazendo reformas em seu país.

Diz o decreto do espanhol: A primeira falta à hora de entrada na repartição, será castigada com uma admoestação por escrito; a segunda com multa de cinco dias de vencimento; a terceira com a do soldo de um mês e suspensão.

Se quando os funcionarios voltarem aos seus logares incorrerem em nova falta, voltar-se-à a avisá-los, a multá-los com a supressão de soldo por quinze dias à segunda vez e por um ano à terceira perdendo os direitos de acesso. No fim destes castigos, os culpados serão expulsos.

Ficam suspensas as licenças e o preenchimento das vagas resultantes destes castigos.

No dia em que em Portugal se adoptar o sistema, teremos ótimos funcionarios. É que a psicologia do empregado publico é susceptivel de modificar-se como a de toda a gente. O ex-manga de alpaca, tornado no *mangador*, voltará a seus habitos na hora em que sentir a seriedade no poder. Para isto ha uma cousa que Primo de Rivera não fez, naturalmente porque já outros a tinham praticado: o inquerito ás chefias, ás categorias, ás direcções.

A primeira cousa que se deve exigir ao actual funcionalismo português é a folha corrida. Ha entre ele a maioria de gente seria, mas tambem, em certas enxurradas, passaram para lá muitos duvidosos. São os que faltam, os que zombam, os que teem o emprego como uma homenagem da republica a seus meritos. Ha ainda os que possuem o curso de revolucionario civil, como diz o meu querido e velho amigo, Artur Leitão. Como com este curso se podem dar excelentes tiros, magnificos e retumbantes vivas, apoteosiar os corifeus e pertencer a um centro, mas não dá extensão para se fazer um officio, verificar uma conta, passar à maquina uma ordem, preparar, com boa ortografia, um decreto, redigir um aviso, copiar uma carta. O que se impõe a todo o funcionalismo, que não o tenha feito, é outra cousa: o concurso. Com estes dois actos, que não representam esforços para quem ganha o dinheiro da nação e o decreto de Primo de Rivera, aplicado a quem o merecer, ficaremos com o indispensavel e bem escolhido pessoal para as necessidades dos serviços publicos.

Começar-se-à, como de direito, pelos chefes. Ou subiram por antiguidades, ou por concurso, ou por distincção. Verificar-se-à. De seguida

iremos na escala até encontrarmos, por exemplo, um segundo oficial cadastrado, ou um primeiro analfabeto. Todos os dias, o curso de revolucionario civil, levará o seu desbaste; e a tenia amanuensial passará a ter as devidas proporções de uma lombriga de que não se pode dispensar totalmente um ventre em fermentações consecutivas.

Dir-me-ão que houve alguns desses homens que prestaram serviços à republica. Dentro de qualquer criterio achamos que melhor a serviriam não querendo empregos onde só a prejudicam. O seu trabalho pago tem o ar de um frete em vez da expansão de um ideal. Mas desde que se nomeiam ministros os vulgares *reporters* que aparecem na Arcada, sem instrução e sem talento, não se deve deixar de pagar a quem deu os tiros que os tornou possiveis. Este tiroteio satisfaz-se doutra forma. Dá-se-lhes uma pensão em vez de uma função. Aí é que está o equívoco.

Uma centena de patriotas sapateiros aparece a defender o regimen com as suas sovelas. Acabada a lucta, mete-se-lhes nas mãos penas. Riscam-se os bons artifices das suas classes e criam-se maus funcionarios. Por dois modos se prejudica o país: elevando o preço da mão de obra, pela inacção de centenas de braços que já não a fazem, e sobrecarregando o erario com mãos inuteis para a tarefa que lhes entregam.

Veem falar-me, talvez, em direitos adquiridos. Eu perguntarei por minha vez. Acaso adquire um direito quem não cumpre um dever? Pois a maioria dos que subiriam, e seria talvez de seis mil funcionarios, jámais o teria cumprido a não ser na secretaria da *Brazileira*, na repartição da *Chave de Ouro*, na galeria da camara dos deputados, ou, então, dando vivas à Servia para ser... servida.

## Carta ao John Bull, de estrada

Segunda carta ao allado — O que êle pensa de nós e o que nós pensamos d'êle—Os seus filhos e nossa terra—O contrato do senhor Vaz Guedes — Na hora do naufragio

*Compadre* :— Bem dizia eu, ha alguns dias, aos meus amigos, leitores d'êste panfleto, que quando te via muito voltado para mim era sinal de alguma exigencia. Conheço-te ha seculos, oh! compadre John Bull, e sei que jamais afagas o teu *aliado* sem deixares a marca da tua unha no apêrto de mão.

Disseste ao mundo, propalaste a todos os ventos que ias ser o meu companheiro, que mudarias a tua politica, era assim a expressão da promessa, mandaste aí ao rio um barco, estragaste polvora e agora arreganhas o dente.

Só quem fosse parvo poderia imaginar tua mudança. Tu, John, andas desenhado no personagem do teu grande escritor. Quando o retratava era em toda a Inglaterra que êle pensava ao aconselhar: *Honest, Yago!*

Eu logo vi não seres guiado pelo desinterêsse e que as tuas festas não podiam ter por motor a nomeação, pelo partido democratico, dum meu algarvio adaptado ao teu nevoeiro, para chefe da pseudo republica, que me entrou em casa. Sim, compadre John; quando tu tiveste instituição d'êste nome, ao menos sabias o que queria o teu Cromwell; nós ainda estamos para descobrir o que de republicano se tem feito. Se a republica idealista é isto, cifra-se em cousas já minhas e, muito mais, tuas conhecidas: alguns *pick-pockets* com o Jack estripador, e tipos classicos que tu castigas com a grilhetta, o Botane-Bay e o chicote de nove rabos. A tua republica era um sonho em marcha, feito por um fanatico; esta, que nem tal designação merece, é um ornar de bipedes de compridas orelhas, nascida duma cilada contra um rei e os seus filhos.

Mas não é para falar de politica que te escrevo esta segunda carta. Dirijo-ta, mas é aos portuguezes que a devia endereçar. É certo que já os não enganas e a pior recomendação que podia trazer quem para cá veiu em teu cruzador foi exactamente a tua amabilidade.

Este povo que aqui vês desconfia de ti—e sabes bem, já outro dia te disse—que êle parece tolo mas é orgulhoso e tem a audacia que não possues. Os teus filhos, cá em casa, permitem-se liberdades que os outros estrangeiros reservam para os seus paes: êles increpam os fragateiros;

estendem os pesados pés nos bancos dos comboios, chupam os seus cachimbos carregados de tabaco enjoativo e expelem rôlos de fumarada pelas ventas, envolvendo-se nelas como deuses e deixando-nos a tossir; pisam as nossas vinhas e arrancam-lhes o melhor sumo, mas cada vez que elles são malcriados, desdenhosos ou espoliadores, os meus encolhem os ombros e dizem:

—Os *Càmones* estão tortos! O que significa: o aliado está com a pinga. Nesta terra de vinho, de alegria, de sol, ha uma ternura especial para com os bebados. Ri-se à sua volta; o paganismo de nossos avós desenvolve-se em tórno dum ebrio, num arraial. Os teus teem má bebida; arrojam-se a esmurrar os parceiros, boxeiam, sem guardarem as distancias. Cá em Portugal ha a tolerancia pelos que bebem demais. Daí o veres bastantes britannicos com o nariz inteiro. Todavia, é bom não fiar, porque se, coletivamente, nos podes mandar fardas vermelhas, em singular, encontro — como se dizia no tempo do duque de Alencastre — quem os fardava eramos nós.

Isto vinha a proposito das tuas amabilidades como dos teus arremesços. Desconfia-se muito de ti. Outra cousa que se diz a teu respeito é o seguinte: O John Bull não dá ponto sem nó... É como quem decreta: o inglês não se perde. E, compadre, quando ouvimos as salvas dos teus barcos e soubemos que, fingindo esquecer como o teu hospede tratava os teus marinheiros, em seus escritos, logo perguntamos, piscando os olhos uns aos outros:

—Que diabo quererá o John?

Aquele caso da repartição das nossas quintas de alem-mar com a Alemanha, para lhe deter as armas que receiavas — porque tu se és valeroso no mar, em terra pareces um peixe anzolado — essa divisão das nossas herdades por ti e pela Germania — à qual — oh! impudor descarado! — chamaste barbara, essa partilha do que não era teu já ia larga, porque o inimigo estava vencido.

—Que diabo quererá o John?

Agora tivemos a explicação e cá esperamos o resto das exigencias. Querias, primeiro, tratar dos nossos negocios em Moçambique, para calares o Transvaal ambicioso; vencido por ti, com a mais brava cavalaria que possues: a de S. Jorge, a libra de cavalinho. Queres que pelos seculos fora seja uma verdade o roubo que fizeste, ladrão! Eu não posso pensar a frio em ti, oh! John, oh! bandido! Cada carta que te escrevo, era a pena que devia arremessar-te aos olhos.

Lourenço Marques, um nome honrado e português, mudaste-lo nos teus mapas para Delagôa Bay como, um *pick-pocket* que arvora um allinete em casa do roubado e ainda lho mostra, dizendo tê-lo comprado em Londres.

Não foi graciosamente, como homenagem, que cá mandaste os nâvios. Os teus negocios careciam dêsse carimbo. Depois de cederes um pouco no Egipto, alargas para este tapete de verdura a tua bota de caminheiro com mais força, mais à vontade. Andas tratando dos teus negocios de Tanger e servir-te-hão, possivelmente, num dia que Deus afaste, os territorios do aliado para estenderes os teus soldados, se a Espanha não anuir a teus designios, a teus desejos completos.

—Que diabo quererá John Bull?

Querias aquilo e mais alguma cousa. O teu primeiro negocio, mal soubeste da nomeação por um partido, do nosso ministro em Londres

para chefe do estado, a tua primeira combinação, que de ha muito meditavas, foi a de Moçambique, depois a das estradas, que podem amanhã ser precisas para marcharem tropas inglesas ou, então, para rolarem os *camions* com teus viageiros de commercio. Se nós te propuséssemos, por exemplo, um auxilio para fabricar navios — e deles bem precisados estamos — tu responderias logo que para as necessidades emprestarias os teus. E a prova é que já mandarás alguns escoltar D. João VI, para o Brasil, salvar D. João VI do filho, D. Miguel, conduzir o presidente Teixeira Gomes, como se no-lo quizesse impôr.

Realmente, as estradas portuguezas são um desastroso precipicio de leguas; os lameiros parecem pélagos, propositadamente feitos para afogar miseraveis, mas só servem para paralisar a vida da gente de bem. Tu ouviste isto — e como te podem servir os caminhos arrançados, já to disse — mandaste cá o teu filho Mac Donell — tens tu imensos do apelido como eu tenho por cá Costas — a arrematar os concertos. O velho, o avô dêste, que veio a Portugal em 1846, bebado de genébra, e com um frete politico de Costa Cabral, arrematou alguns tiros. Embarateceu nesse ano o vinho do Porto. Agora veio este e poz-se a fazer um negocio largo, bem talhado, como os de Hinton, como os de todos os britannicos metidos em nossa fazenda e terra; e, com o melhor dos seus sorrisos, de doçuras, eguais a chins ante os exercitos europeus, essa gente que a minha filha espuria sustenta — e à qual pinta de seus ministros — ofereceu-lhe, num prato, a talhada melhor.

Não contente com isso, um deles, nascido cá, mas amigo de ingleses de trafico, ao que vejo, um tal Queiroz Vaz Guedes, comprido e escalavrado como as estradas, poz em almoeda o país e escreveu ao teu Mac Donell, dando-lhe noticias da negociata, com o ar de quem pede alguma cousa. Lembro-me dum funcionario da Alfandega, em Madrid, que deixou passar um contrabando e, no dia seguinte, escreveu ao contrabandista a dar-lhe os parabens e a insinuar-lhe a gorgeta. «Impensadamente» — dirás tu, *Honest Yago!* — se escreveu, mas com os meus rapazes não ha coisas feitas no ar. Cada letra dum John Bullzinho vale tempo e «times is mony». Logo, se perdem tempo e não lhe entregam o negocio, se o vão doar aos belgas, paguem primeiro a John Bull. É este o teu raciocinio, oh! John Bull de estrada.

Claro que, na intimidade, comendo o teu *plum pudding*, bebendo o teu *Port wine*, sonhando com esta ou a maior hipocrisia, depois da aliança comigo, o *Christmas*, tu tens um ar desdenhoso ao repartires, à vontade, os teus concertos:

— Tambem um país — aquilo é lá país! — que para concertar as suas calçadas carece que lhe emprestem dinheiro, oh! *Shocking!* é indigno de nossa amisade. Se quizer que a linjamos, pague. Mandamos-lhe o navio como um patrão envia, em dia de festa, ao seu foreiro uma lampreia por êle proprio pescada. Pois que o pague! Está muito cara a polvora! De resto, negocios com ingleses são sempre a seu favor... O tal ministro voltou-se para os belgas... Pois pague aos ingleses e aos outros; se amanhã, como é muito extenso, se voltar para os franceses que pague aos ingleses. Se os alemães, os espanhois, os suissos, os austriacos, os tchecos lhe arrançarem as estradas, que pague aos ingleses! Sempre, continuamente, atravez dos seculos, que pague aos ingleses!

De seguida — bem te ouço, compadre — acabando de tratar das estradas, acrescentarias no mesmo tom:

—Tambem um país—aquilo é lá país!—que tem por ministro semelhante *master*, de tal nome, de tal tamanho e de tal intelligencia, oh! *Shocking!* é indigno de existir! Mandámos um navio a essa nação onde um governante faz contratos dêste modo e não o querem pagar?! Se fosse na Polinesia, estadista que desse semelhante despacho, escrevesse, na sua folha de bananeira, um despacho como êste, teria o peito cravejado de azagaias; lá em baixo, na terra do compadre, serão capazes de o besuntar de medalhas, como aqueles vereadores que receberam mais veneras por irem passear a Ceuta, do que os velhos conquistadares da mesma Ceuta.

É uma terra de tolos e de mãos largas; mandamos-lhe o cruzador para portuguezs vêr e parece-me que um gesto nacional muito largo, como uma tromba de elefante ás avessas, num reviramento, toldou o seu céu. Já então, meu filho Mac Donell, cuidava no *business*, e eu não gostei. Os portuguezes não fazem pagar ao ministro a sua incompetencia ou a sua ignorancia; eu é que faço pagar—em boas libras—aquilo que êle contratou. Embora digam que Portugal não tem ouro, eu o arranjarei. Ha sempre que aproveitar num pobretana: depois do sangue, a pele.

Mas terá que pagar aos belgas, desde que aceda ao desejado pelos ingleses—dir-te ha algum filosofo britanico, coçando o nariz—e tu responderás: Que lhes deem o Congo... Para que diabo quere o Congo um país que tem ministros como aquele *master*?... É assim mesmo e não lhe levo nada pelo conselho. Para que sou eu aliado? E sorriras, John, com esse teu abrimento de boca que lembra a dum crocodilo, amfibio como tu, e que às vezes tambem sorri.

Vamos pagar-te os tiros e as homenagens, até que, um dia, John Bull, venhas bater-nos à porta, todo molhado, naufrago, na hora em que afundarem a tua ilha. E eu, abrir-ta hei, condoído, porque sou um tolo e de ha muito reso pelos que se perdem no mar, sejam honestos pescadores ou aventureiros da tua laia.

## O telefonema do Paço de Belem para os suburbios

Os doces prazeres presidenciais — O telefone e as amarguras — Um velho que escreve e outro que lê — As doces pilulas arsenicais — O idolo de fóra de portas

Numa destas ultimas noites, o senhor presidente da republica mandou chamar o official da guarda e conferenciou com êle. Dahi a pouco apareciam, em dobrado, as sentinelas palatinas.

Os jornais bisbilhotaram a entrevista mas não souberam ligar o sentido dessa resolução do chefe do estado. Eis o que vamos fazer. Mal sentiu sob as suas janelas os passos das patrulhas, o sr. Manuel Teixeira Gomes dirigiu-se para o seu telefone e pediu uma ligação.

Cruz Quebrada.

No outro extremo da linha um velho que escrevia, tendo uma manta sobre os joelhos, numa estufa de vidros amarelos e verdes, pegou no seu auscultador, e por entre o bigode enorme e alvo passou um sorriso e os seus olhos luzentes, sob o alpendrado das sobrancelhas, scintilaram mais.

A voz do senhor Teixeira Gomes deixara a asperidão glotica londrina pela verbosidade algarvia. Em vez das rouquidões nascidas das neblinas, prodigalisava suavidades dulcissimas de figos lampos.

Tambem o senhor Bernardino Machado, porque — como se dizia nos velhos romances — era êle o velho da manta pelos joelhos, refinara mais em sua amabilidade na qual prepassa a suavidade, para o inimigo tomar o ricino ou o veneno. Processo de persuasão para fins ilicitos.

— Sim; é um pouco fria a casa... Já lá morei... Não tem *chauffage*... — dizia o ex-presidente para o novo inquilino de Belem —; muito atreita a vendavais, a correntes de ar... Sabe bem um fogão que o estado abona... Eu tinha lá um meu, e daí dirigi o país... do borrarho. Ah! Sim... De verão muito quente; arde... A's vezes de inverno succede o mesmo... Apanhei aí um calor em dezembro... Cautela com as constipações... Ah! E' que em Londres v. ex.<sup>a</sup> representava o país... não havia perigo de calores nem de correntes geladas... O sorriso do senhor doutor acentuou-se mais; a sua pena desenhava á margem do

manuscrito, figuritas extravagantes de alfarrobas montadas em camelos e, num encolher de hombros, acrescentou a alguma reflexão mais digna de nota do seu interlocutor telefonico:

— Ah! não... não... o sr. é presidente eleito só por um partido... duma banda só...

— Em nome dele só governou um... O quê? oh! esse pobre Arriaga não tinha patacas... Velhice radiosa, Manuel como o expulso... Os nomes tem destinos estranhos... Manuel era o rei; Manuel era o meu amigo Arriaga, ambos destronados, um com a sua mocidade radiosa o outro com a sua velhice radiosa também... Destronados, sim... E' que a republica — isto aqui para nós — também tem o seu trono: a tripeça de mestre Samsão, o do Templo; a de Bandarra, profeta remendão de Trancoso... Manuel é nome fatidico... Ah! perdão não me lembrava... Não foi por mal... Até já lhe chamaram Manuel III... Pois é mau... Mas ia eu dizendo que presidentes eleitos pelo país inteiro só um...

Rabiscou com mais violencia desta vez um punhal sobre a capa do seu manuscrito onde se lia o titulo da obra, *Afonso Costa, por Bernardino Machado*, e com a acentuação mais doce, com a voz mais enterrecida, balbuciou:

— Sim... esse Sidonio também era Bernardino, mas ninguem fazia confusões... Ele era Sidonio Bernardino; eu sou Bernardino Luis... Ele é que foi morto... Agora os Manueis... parece sina. V. ex.<sup>a</sup> tem espirito... Não admira. É um grande amigo de espirituosos... Oh! não... Gin?... Wisky? Não é dêsses... Eu não sei se v. ex.<sup>a</sup> os ama... Seria incapaz de o insinuar. Eu não bebo senão leite. Quando falava dos espirituosos, referia-me aos seus colegas nas letras, aos grandes prosadores, aos mestres da literatura... seus amigos, seus idolos.

Pois não havia de ler...?! E com que delicia, com que prazer, com que anotações. Oh! Senhor... Sou um velho professor; já não córo. Fechei-os muito bem à chave por causa das senhoras... Não receie v. ex.<sup>a</sup> que eu os divulgue... Tenho o pudor à antiga... Mesmo sosinho córo... Com duas voltas no cofre forte, onde tenho um livro de Rabelais com dedicatória... Lá está! Novamente sorriu; rabiscou um macaco subindo por uma figueira e continuou:

Não sou tão velho como isso... Rabelais viveu no seculo XVI... Eu referia-me ao Gallis, ao das *Voluptuosidades Romanas*, que usava como pseudonimo o nome do glorioso escritor... Conhece?... Sim... V. ex.<sup>a</sup> sobrepassou o mestre e tanto o julgo que vou fechar a sua obra a sete voltas de chave...

Colaborar o quê?... Ah! não... Eu só escrevo para crianças... *Notas dum pai*... Ficamos longe um do outro, como aquele livro das *Cartas sem moral nenhuma*, da minha prosa. Colaborar?!... É tão amavel... mas ha só uma maneira... Não digo... não digo... Insiste... Quere?... Pois bem... É trocarmos os nossos auscultadores... V. ex.<sup>a</sup> seria o de... fóra de portas... Aqui ha bom ar... Cruz Quebrada... Esplendido e pode até pescar da janela... Que bem deve saber à sua ancestralidade algarvia esta troca... Eu aí já conheço a casa... Troquemos, pois, os auscultadores...

Ficou suspenso e, com uma risada, continuou a escrever no seu manuscrito ao som do tilintar da desligação rapida, sacudida, apressada e nervosa.

Em Belem, o oficial da guarda tornou a subir à sala. Pela madrugada triplicaram-se as sentinelas.

## Do Caderno de um mendigo

Pedir esmola é uma arte como outra qualquer. Ha muita gente que pede mas pouca a que recebe. Esmolar é tornar pratica a nossa humilhação.

\* \* \*

*A esmola pela manhã* — Nunca se deve sair para o officio antes das 10 da manhã. Até essa hora toda a gente vai de mau humor porque tem de ir trabalhar e inveja os nossos farrapos que cobrem, a mandriice.

O bom momento para pedir é do meio dia para a uma, à porta dos bancos quando os empregados regressam do almoço, nas das egrejas quando ha missas, e nas dos *restaurants*, mas não ás de todos.

O mendigo que se preza conhece o seu cliente. Se vai apressado e a rir ataca-se. Como ha muita falta de trocos dá o que lhe vem à mão. É preciso ter-se estado no hospital, mas com olhos de vêr para se esmolar a preceito. Uma das grandes qualidades do profissional é conhecer as doenças pela apparencia e dizer ao freguês que se padece da mesma, sendo tuberculoso para os tuberculosos, coxo para os mancos, cego para os pitosgas e até maluco para os politicos.

\* \* \*

*Onde se deve pedir de tarde* — O mendigo quando não acha o jornal, tem obrigação de o obter. Uma das formas é a saída dos comboios quando se vê um sujeito com as mãos cheias deles.

Na sombra de um jardim, lê-se o que se passou na vespera: o actor que recebeu palmas; o deputado que teve successo, o comerciante que fez bom negocio, o gatuno que foi absolvido. Posto ao facto do acontecimento, escolhe-se o local e diante de um desses vencedores da arte, da politica, do trafico, ou do roubo, o cidadão pedinte desbarreta-se e felicita suas excelencias.

Nunca se deve solicitar nas *gares* aos passageiros que entram. Empurram-nos. Tem medo de perder o comboio.

Os sitios melhores para obter lucros é nas paragens dos electricos. Tem a certeza de não falhar quem fôr habil; psicologo, como agora se diz.

\* \* \*

*O golpe das paragens* — Geralmente à tarde, depois das compras e do passeio na Baixa, do chá das 5 e das atitudes plasticas vai-se para

casa com a esperança de topar a ultima aventura. Um bom mendigo não se coloca à porta dos *restaurantes* nem das pastelarias a essa hora. Fica defronte e repara nos que saem. Ha sempre dois ou três rapazes que olham para outras tantas meninas, velhos que fazem o mesmo, senhoras de todos os estados que os imitam e, então, é atacá-los. Para não passarem por pelintras dão logo o que calha. O gesto destes fregueses é sempre largo. Vai-se, então, até ás paragens e como o namoro aí prolifera e alastra, basta estender o chapéu.

\* \* \*

*A mendicidade de noite*—E' muito perigosa por causa da policia e pouco lucrativa porque ou os fregueses vão para os teatros onde o mendigo não entra, ou para a porta dos cafés e quem ali está não é abonada. Deambula-se para os jardins publicos, para os cantos sombrios e como sempre ali ha gente que não quer ser incomodada, um suspiro dos nossos, uma vaga queixa, é o signal para nos mandarem embora. E só nos vamos, desde que nos paguem; se a esportula é pequena, volta-se.

\* \* \*

*O mendigo de cemiterio*—Constitui uma especialidade na numerosa classe. Todavia, a maioria não passa duma turba lamurienta sem os grandes segredos de obter a esportula. Penetra-se na necropole como um visitante que vai até à cova duma pessoa querida, embora não se tenha lá nenhum parente, pois que os antepassados do bom mendigo enterram-se como os dos reis, em logar especial. A vala é o seu jazigo. Uma vez dentro dos muros da morte toca a fazer pela vida. Então, acerca-se lentamente da viuva que chora, do marido que se enternece, do pai que se lamenta e sobretudo das viuvinhas novas que os conquistadores necrofilistas seguem ao vê-las na rua. Ela reza, ele espera; o pedinte abotôa-se com esplendida maquia por alma dum e pela esperança no outro.

\* \* \*

*O mendigo dos cais*—E' uma estupidez pedir nos cais a não ser em determinadas circunstancias. O estrangeiro enxota-nos; o português que regressa imita-o para se dar tom civilisado; os que partem levam raiva aos que ficam mesmo cobertos de farrapos. A grande cliente é a mulher bonita, cujo marido a deixa em paz. Ela acompanha-o chorando até que o paquete larga e ao meter o lenço na algibeira ri. Chega-se a apanhar aos dez mil reis sabendo chegar-se a tempo. Para dobrar a parada basta reparar se algum sujeito conversa com ela, só depois do vapor largar.

\* \* \*

*A exploração do High-life*—A secção dos jornais que mais deve preocupar os mendigos é a —*Elegante*. A do *Diario de Noticias* e a do *Correio da Manhã* são esplendidas. Sabe-se quando ha festas, casamentos, baptisados e os locais, os nomes dos noivos, dos padrinhos, dos pais e quando se chega à fala, depois de vêr as suas qualidades, durante

as cerimonias, chama-se-lhes pelos apelidos. Não ha homem insensivel á popularidade, sobretudo quando é um esfarrapado que lha empresta.

\* \* \*

*A industria na Arcada*— Não é dos melhores logares para pedir, embora lá saia a meudo a sorte grande. Em todo o caso, se o mendigo fôr esperto basta-lhe estender o chapeu e dizer:

— Eu era o pobresinho querido do senhor Afonso Costa; fui eu quem lhe futurei sempre a boa sorte . . . S. Ex.<sup>a</sup> tinha muita crença em me vêr . . . Nosso Senhor o acompanhe, senhor doutor . . .

Esta é para os republicanos de qualquer matiz.

Para os monarquicos onde se diz Afonso, chapa-se-lhe com Sua Magestade e ha sempre tolos que imaginam termos alguma vez visto ao pé o rei da rua ou o rei de Portugal.

\* \* \*

Assim decorrem os tempos, se vive desta arte do saber pedir, com o desdem por quem dá e com a certeza da nossa superioridade. De resto, basta ser filosofo com desprezo pelas cousas da vida, visto, ela decorrer para toda a gente entre dois buracos; um que engole o outro que devolve.

